

O CURSO ARISTOTÉLICO JESUÍTA CONIMBRICENSE: A JUNTURA ENTRE A HISTÓRIA E A FILOSOFIA ESCOLÁSTICA

*The Conimbricense Jesuit Aristotelian Course: the juncture between History and
Scholastic Philosophy*

RODRIGUES, João Bartolomeu¹, & GONÇALVES, Ariana Carvalho²

Resumo

Apóstolos e percussores globais da historiografia filosófica, os diversos Comentários do Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense, coletados entre os finais do século XVI e meados do século XVII, impõem certa relevância especialmente a nível nacional. Graças ao seu impacto global, o mesmo ocorre a nível internacional. Sendo um dos projetos mais dignificantes da Segunda Escolástica, neste artigo de carácter informativo e apreciativo será explorada a origem da Companhia de Jesus, o seu percurso em Portugal e as conseqüentes obras, de natureza estrita e específica, indicando de igual forma a sua importância a nível filosófico, religioso, educacional e, inclusive, cultural.

Abstract

Apostles and global forerunners of philosophical historiography, the various Commentaries on the Aristotelian Course Jesuit Conimbricense, collected between the end of the 16th century and the middle of the 17th century, impose a certain relevance on a national level. Thanks to its global impact, the same happens at the international level. As one of the most dignified projects of the Second Scholastics, this informative and appreciative article will explore the origin of the Society of Jesus, its path in Portugal and the consequential works, of a strict and specific nature, also indicating its importance to a philosophical, religious, educational and even cultural level.

Palavras-chave: *Curso Aristotélico Conimbricense; Companhia de Jesus; Aristóteles; Escolasticismo.*

Keywords: *Aristotelian Course in Coimbra; Society of Jesus; Aristoteles; Scholasticism.*

Data de submissão: junho de 2022 | **Data de publicação:** dezembro de 2022.

¹ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt

² ARIANA CARVALHO GONÇALVES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: arianagonsalves@icloud.com

INTRODUÇÃO

Este estudo não redonda da antiga Coimbra nem da Grande Lisboa, contudo emite um propósito pessoal e coletivo do ensino e topicalização, além de equilibrada apreciação do conteúdo com uma vertente mais filosófica, além de histórica.

E é nesse mesmo sentido que, nesta investigação proveniente de uma análise hermenêutica por meio de textos correlacionados (de uma fiel dependência), irá ser abordado o tema do Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense – *Cursus Aristotelicus Conimbricensis* – com um propósito educacional e talvez até narrativo, emergindo igualmente na sua historicidade, o contexto católico intrínseco e, por conseguinte, a Filosofia Escolástica, em particular colocou grande importância na Segunda-Escolástica.

Este dito Curso trata-se, num contexto preambular, da denominação dada ao projeto da Escola de Coimbra, publicado entre 1592 e 1606, para apoiar o ensino e estudo da filosofia aristotélica no Colégio das Artes de Coimbra e na Universidade de Évora. Tal protejo consistiu na emersão de um conjunto de comentários à filosofia e obras de Aristóteles através do conhecimento filosófico-escolástico das autorias que serão mencionadas por seguinte. Estes comentários eram intitulados: *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*³.

É imperativo mencionar que o breve termo “Curso Conimbricense”, tal como menciona Mário Santiago de Carvalho no seu artigo para a Imprensa da Universidade de Coimbra sobre este mesmo assunto:

[este] designativo impede, v.g., a identificação de outros cursos ou parcelas de cursos (ainda inéditos) provenientes de outros colégios de Coimbra. Um caso conhecido é o do material proveniente do Colégio beneditino conimbricense, v.g. a Física de Fr. Bento da Ascensão (1675) ou a Lógica de Fr. António da Luz (1646), podendo ler-se, designadamente nesta última, *Logica Aristotelica (...)* a Antonio a Luce (...) in Collegio Conimbricensi Scripta... Por isto mesmo, preferiríamos que doravante se precisasse o designativo geográfico, talvez passando a chamar-se «Curso Jesuíta Conimbricense» aos CACJC (Carvalho, 2018, p. 8).

³ *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense* (abreviação: CACJC).

O que se trata de uma observação além de interessantíssima, importante até mesmo neste artigo em particular, no qual será respeitada esta problemática de denominação.⁴

Colocando esta contextualização à parte, no que diz respeito à autoria dos ditos comentários, é atribuída, tal como o nome indica, à Companhia de Jesus, em particular os jesuítas situados no Colégio das Artes de Coimbra. Claro que toda a geografia acerca da Companhia e mesma a dispersão de diversos colégios em seu nome ‘desde o Atlântico ao Urais’, não são particularmente relevantes.

Existem, contudo, alguns Conimbricenses que se destacam no envolvimento destes comentários: introduzindo assim Pedro de Fonseca (1528-1599), padre, filósofo e teólogo jesuíta português, conhecido por muitos como o “Aristóteles Português” devido, supõe-se, ao seu vasto conhecimento em diversas áreas além da Filosofia, seja a Metafísica, Lógica, além das línguas inclusive o grego e árabe, dando-se certa abertura a criar as suas próprias ideologias em contacto com as de Aristóteles, criando assim uma certa independência e interpretação factual necessárias. Aliás, no que diz respeito à Filosofia Portuguesa, que como se observa em pleno século XXI não ocorreram grandes evoluções separadamente dos contemporâneos internacionais, Fonseca foi um dos mais influente pensadores e expoente da Filosofia entre 1564 e 1626 (período entre a primeira e a última publicação das obras de Fonseca), segundo João Madeiro⁵. Este verifica que, das publicações da sua autoria, são as seguintes de grande relevo:

1. FONSECA, Pedro da. *Commentariorum in Libros Metaphysicorum Aristotelis* I (Roma, 1577); II (Roma, 1589); III (Évora, 1604); IV (Lion, 1612); reimpressão, da ed. de Colónia (I-III, 1615; IV, 1629), Hildesheim, 1964;
2. *Instituições Dialécticas*. Coimbra: 1564; reed., Coimbra: Universidade Coimbra, 1964. [...].
3. FONSECA, Pedro de, S.J. *Institutionum dialecticarum libri octo*. Lugduni, apud Ioannem Pillehotte. 1609, in-8° (350 págs.);
4. FONSECA, Pedro de, S.J. *Institutionum dialecticarum libri octo*. Lugduni, sumptibus Petri Rigaud. 1610, in-8° (395 págs.).

⁴ O mesmo aconteceria, na teoria, se se utilizar o termo “Curso”, porém tendo em conta já a referência bem fundamentada de qual curso este artigo se refere, a sua utilização poderá ser justificada, apesar de ocasional. Trata-se então de uma questão de brevidade e praticidade.

⁵ Ver – Madeira, Fonseca (2006): Bibliografia de e sobre Pedro da Fonseca Revista - *Filosófica de Coimbra* – n.º 29, Universidade de Coimbra.

Segundo Amândio Coxito, o que sobressai neste pensador é a conceção do método «artístico» ou “método da doutrina” mencionado nos comentários, por ele designado por «ordem da doutrina», além da dedução no qual se verga sobre Aristóteles (“na tradição aristotélica o método científico por excelência é a dedução”) (Coxito, 2007, pp.71-78), mas em contexto com o Curso Jesuíta Conimbricense, este impulsionou e de certo modo originou todo o projeto (da elaboração do Curso foi inicialmente ele) e os diversos comentários, apesar de acabar por entregar o seu cargo a Manuel de Gois (1543-1597), Sebastião do Couto (1567-1639), e Baltasar Álvares (1550-1630). Tal como menciona Mário Santiago de Carvalho sobre o capítulo “Pedro da Fonseca: the Portuguese Aristotle”, nos seguintes excertos:

It is nevertheless a fact that the course was published with Fonseca’s explicit and superior authorisation as it is clear in the first pages of the volume of Góis’s *Physica*.[...] Thus, in August 1570 Fonseca begins the first volume of the commentary on Aristotle’s *Metaphysics*, his philosophical masterpiece [...] Besides Fonseca’s commentary on *Metaphysics*, the most important Jesuit editorial achievement that came to light in these ten years of Fonseca’s life was the publication, in 1592, of Góis’s commentary on *Physics*. The importance of this date lies on the fact of that commentary being the first volume of the famous Coimbra Jesuit Course [...] (Carvalho, 2020,p. 25).

Com o seu envolvimento no curso, e sendo este um impulso para os seus trabalhos pessoais (nomeadamente acerca da *Metafísica* e a *Física*) Manuel de Góis envolveu-se em quase todos, senão todos os comentários, apesar de não seguir as mesmas opiniões de Fonseca, influenciando-se, no entanto, na sua doutrina.

Sebastião do Couto foi o jesuíta que redigiu os comentários relativos à *Lógica* (*Commentarii Collegii Conimbricensis, e Societate Iesu, in Universam Dialecticam Aristotelis Stagiritae & Commentarii Colegii Conimbricensis Societatis Iesu in Aristotelis Logicam*), particular e especialmente, apesar de também envolver-se em outros.⁶

Relativamente a Baltasar Álvares, que já teria obras do Curso impressas redigidas por si e Góis, é lhe atribuída a redação ao volume sobre o “*De Anima, intitulado Tratado da Alma Separada*”, a par de Góis:

⁶ Ver – Coxito, Amândio (2013): Sebastião do Couto, *Os sinais/ Des signis* (Comentário conimbricense sobre A interpretação de Aristóteles, I, 1) (edição bilingue latim-português), Porto.

Assim, embora prevendo -se a publicação de um Comentário Conimbricense à Metafísica no seio dos CACJC, explora -se uma dimensão da metafísica em que Aristóteles é ultrapassado. Pela sua extensão e relevo o referido Tratado constitui uma absoluta novidade e ele surge -nos vertido numa efetiva operação editorial que pode ser lida em oposição à metodologia de acesso à filosofia preconizada por Fonseca. [...] (Carvalho, 2018, pp.132-133).

Também Cosme Magalhães (1551-1624) editou o volume do De Anima, tendo também colaborado com Góis nas edições dos Comentários (Carvalho, 2018, pp. 15 e 90). É-se dito que seria este mesmo quem resolvia os problemas que apareciam em qualquer um dos volumes, segundo Philippe de Alengabe (1643). No que diz respeito à trajetória dos Comentários, as publicações do Curso Jesuíta Conimbricense ocorreram em 3 fases ou períodos:

Entre 1592/1593 saíram à luz os comentários à Physica, De Caelo, Metereologica, Parva naturalia e Ethica ad Nichomacum: Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu in octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae (Coimbra, A. Mariz, 1592); Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu in quattuor libros De Coelo Aristotelis Stagiritae (Lisboa: S.Lopes, 1593); Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in libros Metereorum Aristotelis Stagiritae (Lisboa: S. Lopes, 1593); Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in libros Aristotelis qui Parva Naturalia appellantur (Lisboa: S. Lopes, 1593); In libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum aliquot Conimbricensis Cursus disputationes, in quibus praecipua quaedam Ethicae disciplinae capita continentur (Lisboa: S. Lopes, 1593).

Ou seja, os comentários à Physica, De Caelo, Metereologica, Parva naturalia e Ethica ad Nichomacum. Numa segunda fase, foram publicados os comentários:

De Generatione (1597) e ao De Anima (1598): Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in duos libros de generatione et corruptione Aristotelis Stagiritae (Coimbra: A. Mariz, 1597); Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in tres libros De anima Aristotelis Stagiritae (Coimbra: A. Mariz, 1598).

Já o último comentário surgiu em 1606: Commentarii Collegii Conimbricensis S. I. in universam Dialecticam Aristotelis (Coimbra: D. G. Loureiro, 1606).”

Contextualização – O Percorso Jesuíta em Portugal

Para se bem compreender este tema focalizado é necessário também envolver o aspeto Jesuíta, envolvido diretamente com a Escolástica presente no qual se baseiam e surgiram os comentários exercidos. Por ventura, tem assim se localiza a intenção dos ditos Conimbricenses nas suas redações, contemplando-se a possibilidade deste estudo por

meio do percurso judeu e o seu impacto no ensino português. Além disso, é importante referir que neste período histórico-filosófico europeu, pelo menos a nível universitário, a “filosofia era pura e sinónimo de Aristotelismo” – ou seja, significava ter um “atualizadíssimo saber”. Os Lusitanos não eram exceção.

Ora, visto que toda a origem do Curso Jesuíta Conimbricense é escolástica, a fundação da Companhia de Jesus propriamente dita é um aspeto importantíssimo que fundamenta e integra todo o tema. A Societas Iesu (S. J.) ocorreu graças ao basco Iñigo López de Oñaz y **Loyola** na especial data de 15 de agosto de 1534, na Universidade de Paris, no qual liderou um grupo de estudantes, tudo num ambiente extremamente académico, algo pelo qual os jesuítas claramente se destacam. É também essencial mencionar que tal ocorreu em plena Contrarreforma, criada pela Igreja Católica que, segundo alguns autores, teria sido uma resposta à Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. A realidade fora que os jesuítas tiveram um papel fundamental na Reforma Católica, segundo Ana Paula de Araújo:

Foi deles a responsabilidades de catequisar e de recatequisar povos e nações inteiras. Na Alemanha, por exemplo, graças ao empenho apostólico destes padres, muitos que tiveram simpatia por Lutero, acabaram permanecendo na Igreja Católica, e não seguiram os pensamentos da Reforma Protestante⁷.

A criação da Companhia era inicialmente propositada ao desenvolvimento de regras disciplinares para a vida religiosa e para missões de evangelização, propagando-a. Mas para além disso a sua finalidade não tão transparente tornou-se a combater o movimento protestante, daí o lema *Ad Majorem Dei Gloriam*. Apesar disso, havia uma enorme prioridade no missionarismo e na educação religiosa, influenciando até mesmo o Extremo Oriente.

Na verdade, os jesuítas tiveram influência inclusive nas Colonialismo. Segundo Túlio Augusto de Paiva Pereira e Sebastião Donizeti Bazon sobre “A ação evangelizadora dos Jesuítas, o Colonizador Português e a Cultura e Civilização Indígena No Brasil Colônia”:

Segundo Assunção (2003, p.11 e 23) «o principal objetivo da Companhia de Jesus era converter os indígenas à fé católica»; ainda este objetivo consistia em “trazer as ovelhas perdidas (os índios) para o rebanho da cristandade” (Pereira & Bazon, referido por, Assunção 2019, p. 82).

⁷ Disponível em: brainly.com; infoescola.com

Isto seria igualmente do interesse da Coroa Portuguesa, de forma a que os indígenas se tornariam mais suscetíveis à colonização, talvez.

Divergências e detalhes à parte, a Companhia de Jesus fora reconhecida por bula Regimini militantes Ecclesiae, ou “o governo da igreja militante”, pelo papa Paulo III a 27 de setembro de 1540. Porém as constituições redigidas por Loyola, ocorreram somente em 1544, no qual propunham uma organização rígida e disciplinada, a abnegação e a obediência ao Papa.⁸ Num contexto estritamente Português, já em 1546, Loyola envia o navarro Francisco Xavier (1506–1552) e o português Simão Rodrigues (1510–1579) para Portugal. Francisco Malta Romeiras sublinha a importância da chegada destes, em “Os Jesuítas em Portugal depois de Pombal – História ilustrada”:

[Xavier e Rodrigues] chegaram a Lisboa para servir a coroa e a Igreja portuguesas. A sua vinda inaugurou o primeiro período da história dos jesuítas em Portugal. Entre 1540 e 1759, os jesuítas portugueses tiveram a seu cargo a administração da *Assistentia Lusitaniae*, isto é a Assistência de Portugal da Companhia de Jesus. [...] a Assistência de Portugal foi, sem dúvida, o território maior, e mais disperso, que os jesuítas governaram até à supressão universal da Companhia de Jesus em 1773. Neste período, os jesuítas da Assistência de Portugal dedicaram-se à propagação da fé e doutrinas católicas através de obras espirituais—nas quais se incluíram a pregação de sermões, a orientação de Exercícios Espirituais, e a administração dos sacramentos—e de obras temporais, com um destaque particular para a educação secundária e universitária. Durante mais de duzentos anos, os jesuítas estabeleceram e administraram residências, igrejas, missões, noviciados, colégios e universidades ao longo do vasto império português (Romeiras, 2018, p. 13).

Um pequeno detalhe fora que navarro acaba por ir para a Índia, deixando o português Rodrigues encarregue de criar a província em Portugal. Para além disso, a citação acima comprova primeiramente a exponência da fé jesuíta e da conseqüente e enorme influência da Companhia em Portugal: com o apoio da coroa portuguesa e do papa, os jesuítas dedicam-se fortemente às doutrinas católicas e à propagação da fé; e secundamente e muito relacionado com a primeira seria a influência no ensino: havia um grande destaque particular para o ensino e para a educação secundária e universitária; logo administravam tanto igrejas, missões, residências, como Universidades e Colégios durante cerca de 200 anos.

⁸ Ver – IGLESIAS, M. E. (2004). *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. Edições Loyola. / Rodrigues, L. F. M., & Unisinos, P. H. (2010). *A fórmula scribendi na Companhia de Jesus: origem, leitura paleográfica e fonte documental para o estudo da ação dos jesuítas*. X Encontro Estadual de História. O Brasil no sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. UFSM, UNIFRA, Santa Maria.

A implementação da educação jesuíta em Portugal originou e fundou o seu primeiro colégio em Coimbra: o Colégio de Jesus a 2 de setembro de 1542. Em 1555, foi lhes entregue o Colégio das Artes de Coimbra, no qual ocorreu o envolvimento da escrita dos ditos Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense e a fundação do Curso propriamente dito. Em 1559, a Universidade de Évora foi também fundada e também entregue aos jesuítas. A educação torna-se, então incrivelmente dependente da Companhia. A questão da Expulsão pombalina de 1759, apesar da sua importância na historiografia jesuíta portuguesa, não é mencionada devido ao seu desvio dos Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense, que datam entre 1592 e 1606.

O Impacto global e Comentário

E quando se menciona o Curso Jesuíta Conimbricense, talvez até a própria razão dessa menção, relata-se o seu imenso impacto global, para uma data de Comentários elaborados por uns poucos jesuítas portugueses. Talvez graças à linguagem perceptível se a leitura íntegra e extensa for feita por quem a entende, talvez por admitirem a inatualidade de Aristóteles em conhecimentos que o progresso superou, naturalmente. Os jesuítas, no seu conteúdo, analisam temas desde a lógica (Ex. Dividem-na em pura ou teórica [docens] e aplicada [utens]); a Filosofia, no qual incluem no termo as ciências práticas – moral e a lógica – as quais Aristóteles não referia; a Ciência, no qual comprovam o termo; reconhecem a ambiguidade da palavra «arte», visto que Aristóteles a entendeu em 3 aceções diferenciadas. Integraram a Classificação das Ciências num sistema unitário, ordenado e metodológico... É importante referir, visto que se menciona parte do conteúdo propriamente dito, o seguinte excerto de Mário Santiago de Carvalho:

It is worth pointing out that the Coimbra Jesuit Course is not devoted to the complete works of Aristotle. The *Logica* and the *Metaphysica* are the glaring omissions. The opinions usually given to explain this omission are inexact because we know that at some point Góis conceived the idea of writing a commentary on *Logic* (see *De Anima* III, *explanatio*, p. 317, p. 362, and p. 393) as well as a commentary on *Metaphysics* (see Carvalho 2020b: 288-9). Góis believed that, due to pedagogical reasons (e esto ade ser mas accepto en las escuelas), the book on *Logic* ought to be briefer than the book on *Metaphysics* (see Gouveia's letter of 1594 in Gomes 1964: XLIX). For several times, Góis alludes to his intention of writing on *Metaphysics*: see *De Generatione* I c. 4, q. 6, p. 70, II *explanatio*, p. 472, and *De Anima* II p. 83, and *Physica* p. 54, II p. 310, and *Ethica* p. 66 (Carvalho 2018, pp. 154-5). (Carvalho, 2020).⁹

⁹ Ver Conimbricenses.org

E esses “Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense” expandiram do “Atlântico ao Urais” (Carvalho, 2018:11), na sua forma mais literal pois estes até se estenderam da América do Sul à China, tendo o curso português o mérito de ter a 1ª obra de filosofia ocidental traduzida em chinês.

Grandes figuras como Descartes, John Locke, Charles S. Pierce, Karl Marx, entre outros, mencionaram os comentários. E a realidade fora que obtiveram apreciação na Europa em diversas universidades sob o domínio da Companhia de Jesus e não só, criando um diálogo de civilizações séculos por vir.

Sublinha-se assim, num modo observativo, a necessidade de replicações desta ação, -- a aprendizagem e mestria anteriormente bem delineadas e o respeito pelo ensino universitário ou geral, até mesmo pelo saber só por saber, -- o estudo (não necessariamente filosófico ou total) do discípulo puro e universitário, ávido de impactar consequente do ato de publicar um comentário merecedor de tal. Na atualidade do século XXI, não se aprecia tal prática por muitos, nem num futuro próximo..., mas seria, de facto, muito curioso conjecturar quais comentários serão estudados lepidamente em tempos posteriores a este. Que Manuel de Góis¹⁰ será o do século XXI?

Góis ou não, o impacto global fora tanto que, tal como Jonathan Wright é referido, sobre o seu livro “Os Jesuítas” no artigo anteriormente citado “A ação evangelizadora dos Jesuítas, o Colonizador Português e a Cultura e Civilização Indígena” de Pereira e Bazon (2019, p. 55):

[Wright] sintetiza muito bem o papel da Companhia de Jesus na história da humanidade, afirmando que essa instituição se transformou a partir de sua fundação, desde o início, na “mais vibrante e desafiadora ordem religiosa que a Igreja Católica havia produzido”, se revelando “uma força poderosa na sala de aula, no púlpito, no confessionário, no laboratório, no observatório, nos salões, na academia e nos mais elevados bastiões do poder público”. Ainda, segundo Wright [...] há quinhentos anos eles participam de modo turbulento e influente da história da humanidade, tendo cumprido, ao longo do tempo além das funções de evangelizadores e teólogos, outras atividades tais como: as de cortesãos urbanos tanto em Paris, quanto em Pequim e Praga, dizendo, em diversos momentos, a reis quando e com quem se casar ou quando e como ir para a guerra; servindo de astrónomos para imperadores chineses ou para capelães do exército japonês; instruindo grandes homens das mais variadas áreas como “Voltaire, Castro, Hitchcock e Joyce”; além disso, “criaram carneiros em Quito, foram também donos de haciendas no México, produtores de vinho na

¹⁰ Utiliza-se referência a Manuel de Góis de modo comparativo e metafórico, visto que morfológicamente o vocábulo ‘como’ não está presente para surgir uma comparação ou símile) de caráter respeitoso e louvado.

Austrália e agricultores nos Estados Unidos”; produziram obras nos campos das letras, das artes, da música, da ciência, da dança, além de teorias em relação a doenças, leis da eletricidade, da ótica; confrontaram os “desafios de Copérnico, Descartes e Newton”; por fim, para não estender mais a variedade de suas atividades, foram reconhecidos por suas contribuições no campo do conhecimento, com nada menos que trinta e cinco crateras na superfície da lua recebendo o nome de cientistas jesuítas.

E o motivo de tal impacto? Segundo Pedro Calafate em “História do pensamento filosófico português Vol. III”:

[a] divulgação ficou certamente a dever-se à excelência do método com que o Curso [Jesuíta Conimbricense] está organizado, à clareza e à elegância da exposição das doutrinas, à rigorosa análise filológica e hermenêutica do texto aristotélico e à integração sistemática de elementos da Escolástica medieval (Calafate, 1999, p. 504).

E o mesmo volta a mencionar, já no Instituto Camões sobre os Conimbricenses¹¹¹¹:

Nesse seu esforço de tradução, comentário e transmissão da obra aristotélica, à luz de uma clara opção pelo tomismo e em detrimento do escotismo e do nominalismo, os mestres conimbricenses sobressairam no panorama da história da filosofia sobretudo pelo método claro, breve, e tão simples quanto possível, sempre tendo em vista um ideal pedagógico de transmissão eficaz desses conteúdos doutrinários, embora na base do rigor filológico e da fidelidade aos textos, que não impedia, contudo, o debate e a discussão das opiniões pró e contra e, sobretudo, a discussão e o confronto com os novos avanços científicos dos quais de modo algum permaneceram alheados, como mais tarde se pretendeu fazer crer.

NOTAS FINAIS

Mencionado o método, é de se notar que ao salientar este tema, é denotada a religiosidade, historicidade, filosofia e aprendizagem portuguesas.

Em suma, tendo em conta a questão da contextualização historiográfica do percurso da Companhia de Jesus, podemos afirmar que os Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense têm com certa razão sido considerado um dos trabalhos mais notáveis da Segunda Escolástica e da própria Companhia de Jesus, não somente em Portugal, nos finais dos Séc. XVI.

¹¹ Excerto retirado do Instituto Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.

Apesar da sua transição do diálogo com as correntes inovadores do Séc. XVII não tenha sido sempre a mais afluente, não se deve negar o pluralismo e colóquio filosófico gerados do Ocidente ao Oriente, tornando-se, diretamente, um orgulho por provirem de um contexto português tais Comentários e tal projeto, na sua generalidade.

Além do mais, para todos os que decorrem ao ensino das Humanidades: da Cultura portuguesa, Teologia ou Filosofia; este tema é-vos saliente e pertinente.

Em caso de curiosidade da restante historiografia, missões, obras ou outra informação dessa relevância, aceda a www.pontosj.pt para visitar o presente portal da província portuguesa da Companhia de Jesus, com cerca de 147 jesuítas em atividade em Portugal. Existem, segundo essa fonte datada de 2017, 16090 Jesuítas ativos na totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

De Carvalho, M. S. (2018). *O curso aristotélico jesuíta conimbricense*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

De Carvalho, Mario. S, (2011). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606)*. Antologia de Textos.

Universidade de Coimbra – “Cursus aristotelicus conimbricensis”. Disponível em: <https://www.uc.pt/cech/projetos/cursus-aristotelicus-conimbricensis/article?key=a-88e5b469d9>

Coxito, A. (2007). *O método em Pedro da Fonseca e no curso conimbricense*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Dinis, A. (1991). Tradição e transição no Curso Conimbricense. *Revista portuguesa de filosofia*, 535-560.

Calafate, P. (1999). *História do pensamento filosófico português* (Vol.III). Editorial Caminho.

Universidade de Coimbra – Enciclopédias, Bibliografias e Informações – “Conimbricenses”. Disponível em: <http://www.conimbricenses.org/>

Romeiras, F. (2018). *Os Jesuítas em Portugal Depois de Pombal: História ilustrada*. Ed. Lucerna.

Alengabe, Ph. (1643). *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu Post excusum Anno 1608 Catalogum Petri Ribadeneirae Nunc hoc novo apparatu librorum ad annum reparatae salutis 1642 editorum concinnata et illustrium virorum elogiis adornata*, Antverpiae: Ioannem Meursium.

Brandão, M. (1924). *O Colégio das Artes*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Brandão, M. (1933). *O Colégio das Artes II: 1555-1580*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Araujo, A. P. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/companhia-de-jesus/>

Pereira, T. A. P., & Bazon, S. D. (2019). A ação evangelizadora dos Jesuítas, o Colonizador Português e a Cultura e Civilização Indígena No Brasil Colônia. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 4(7/12), 82-118.

Assunção, P. (2003). *Os jesuítas no Brasil Colonial*. atual.

Wright, J. (2009). *Os jesuítas: missões, mitos e histórias* (Tradução André Rocha). Relume Dumará.